O Novo Partido Anticapitalista entra na campanha presidencial

Declaração adotada pela Conferência Presidencial Nacional do NPA, organizada em 26-27 de junho de 2021.

Após 18 meses de pandemia, tornou-se claro que o sistema capitalista é incapaz de resolver os grandes problemas da humanidade, mas, pelo contrário, acaba criando novos problemas. Usando a estratégia do choque por ocasião desta crise sanitária, as classes dirigentes ampliam sua ofensiva contra as classes trabalhadoras: destruição de empregos e demissões, reestruturação, desenvolvimento da precariedade, questionamento das liberdades democráticas… A caça ao lucro por parte de uma minoria põe em perigo os empregos, a saúde da maioria da população mundial, assim como o estado do planeta e o futuro da humanidade. É hora de pôr um fim a esta injusta ordem capitalista e avançar em direção a uma sociedade que organize a produção e as relações sociais de acordo com as necessidades sociais e ecológicas, seja ela chamada eco-socialista, comunista ou auto-gerenciadora.

A crise sanitária é reveladora em muitos níveis, seja por causa da origem da pandemia ou por causa da incapacidade das autoridades de reagir, de parar a máquina do lucro em detrimento da saúde das pessoas que estão na "linha de frente", bem como do mundo do trabalho como um todo. A propriedade privada surgiu em grande escala em contradição com a defesa de nossas vidas, como ilustrado pela manutenção de patentes de vacinas. Todos os níveis de crise – saúde, ecológica, econômica, social, democrática – se combinam para produzir um balanço sombrio para o capitalismo. Isto não pode continuar! Não apenas o NPA diz isso, mas milhões de pessoas exploradas e oprimidas defendendo seus direitos mais básicos

em diferentes partes do mundo.

Diante de um governo na ofensiva, a ira social está presente

Desde o início do governo Macron, a ira social não desapareceu, pelo contrário! Nem os confinamentos nem o acúmulo de leis repressivas eliminaram a radicalidade da experiência dos Coletes Amarelos ou da greve contra a reforma previdenciária do inverno de 2019-2020, as mobilizações da juventude pelo clima, contra o racismo e o sexismo. Seguro-desemprego, violência policial, ofensivas islamofóbicas e racistas, leis autoritárias e liberticidas, políticas que incendiam o planeta: não faltaram motivos de mobilização no último ano para que a revolta contra a política de poder fosse desconfigurada. As lutas também estão se desenvolvendo no campo da defesa dos direitos: para as mulheres através do movimento #Metoo, para os LGBTI, em particular em torno do PMA (procriação médica assistida), para os migrantes e contra a polícia e a violência racista.

A necessidade de construir um movimento global, um confronto que pode ir até o fim para alcançar vitórias, está aí. Porque, na ausência destas vitórias sociais e perspectivas políticas para sair deste sistema, os piores ventos estão começando a soprar. Do governo ao Rassemblement National, passando pela chamada direita "clássica", o discurso sobre "islamo-esquerdismo" e o separatismo, as declarações dos militares, a demonstração da polícia unida por vários líderes políticos em frente à Assembleia Nacional… todos participam da mesma dinâmica. A ascensão ao poder da direita e da extrema direita tem raízes sociais profundas, que se desenvolveram no solo fertilizadas por quarenta anos de políticas racistas e anti-sociais. As ideias extremistas de direita estão em ascensão, tanto na sociedade quanto no aparato estatal, especialmente na polícia e no exército, e o governo é o principal responsável por isso.

Falta de alternativa, ameaça da extrema direita

Navegando no desespero das classes trabalhadoras, o RN está tentando desviar a raiva para um projeto mortífero, liberal, racista e identitário. A tomada do poder pela extrema-direita tornou-se concebível, com todos os perigos que isso representaria para os direitos e liberdades democráticas, para todos, e para as organizações do movimento social. Mas lutar contra a extrema direita não é refazer a "união de esquerda", uma união eleitoral entre partidos de esquerda desacreditados por suas políticas passadas e que no futuro atuariam como gerentes fiéis dos interesses capitalistas.

Porque no espaço da esquerda, longe de enfrentar esta situação, os diques estão caindo um após o outro. Do PS ao PCF, passando pelo possível candidato da EÉLV, todos esses partidos que administram o sistema se desviaram ao se manifestarem ao lado de policiais raivosos e da extrema direita.

Jean-Luc Mélenchon e LFI não serão nossos adversários nas eleições presidenciais, mas eles são a expressão de um populismo de esquerda que se recusa a enfrentar este sistema até o fim. Ou seja, para atacar os lucros, a propriedade privada, o poder dos patrões e as instituições. É evidente que eles não representam uma alternativa para o campo dos explorados e dos oprimidos. As posições da LFI para o segundo turno das eleições regionais mostram particularmente que esta organização não rompe com a esquerda institucional.

As últimas eleições regionais e departamentais são ricas em lições. Dezenas de milhões de trabalhadores, funcionários, jovens e classe trabalhadora não compareceram às urnas. O partido no poder, LREM, mostra que tem um limite de 10% de comparecimento às urnas. Isto mostra a rejeição do anunciado confronto entre Macron e Le Pen no próximo ano, sem o menor esboço de uma alternativa popular e progressiva. O RN, mais fraco do que anunciado, continua a aparecer como o principal oponente à "saída", seja LR ou PS.

É neste contexto que a sequência das eleições presidenciais começa. Esta deve ser a ocasião para popularizar parte de nosso programa para restaurar a confiança em um projeto anti-capitalista e revolucionário.

A ausência de representação política anti-capitalista de massa, a ofensiva reacionária e o recuo das lutas sociais, o aumento do desespero e o medo de um futuro sombrio, são elementos que pesam sobre a situação. Por essa razão, um eixo central de nossa campanha será construir frentes contra as questões reacionárias e levantar a necessidade de combater a extrema direita no terreno através da construção das mais amplas mobilizações unidas.

Queremos levar a ideia de que os de baixo devem entrar na arena política, que os explorados e os oprimidos devem representar a si mesmos, a fim de pôr fim à exploração capitalista, à destruição do planeta e a todas as opressões. Isto deve estar no centro de nossa campanha.

Uma campanha baseada em urgências sociais, ecológicas e democráticas

- Para garantir uma vida e um salário vivo para todos.

Trata-se de garantir uma vida digna com uma renda ao longo da vida, pelo menos igual a um salário mínimo de 1.800 euros líquidos, mesmo quando desempregados, estudando, procurando trabalho ou aposentados. Todos devem ser capazes de ter um trabalho que atenda às necessidades da sociedade e à preservação do planeta. Isto exige uma redução maciça das horas de trabalho, sem aumento do ritmo de trabalho, em paralelo com um aumento dos salários de 400 euros por mês para todos. Esta divisão do trabalho entre todos é a única maneira de pôr fim ao desemprego. Significa também tirar aos capitalistas o direito de decidir sobre nossas vidas, proibindo os despedimentos. Também queremos desenvolver o que torna a vida “bela”, a diversidade das expressões artísticas e

culturais?

- Controlar, socializar e expandir os bens comuns para resolver a emergência social, sanitária e ecológica.

Propomos fortalecer os serviços públicos existentes e criar novos serviços. Nos setores de saúde, farmacêutico, educação, energia ou transporte, os capitalistas foram alimentados o suficiente, destruindo o planeta e nossa saúde. Devemos expropriá-los e nacionalizar os bancos em um monopólio público. Defendemos o transporte gratuito e outros serviços.

O produtivismo e a corrida pelos lucros impedem a reorganização da produção e ameaçam o planeta. É urgente planejar a reorganização da economia em uma base ecológica e democrática. Esta é a única maneira de preservar todos os empregos, produzindo de forma diferente e preservando o planeta.

- Acabar com um regime autoritário, racista e injusto.

Para controlar nossa raiva, o governo reforça os meios repressivos e autoritários do Estado e tenta nos colocar uns contra os outros: nossos inimigos, segundo eles, são imigrantes, feministas, pessoas LGBTI…

Nossa campanha defenderá a necessidade de pôr um fim a esta república imperialista dos ricos e dos patrões e ao presidencialismo particularmente encarnado por Macron. Os salários dos funcionários eleitos serão reduzidos ao salário médio da população e todos os funcionários eleitos serão revogáveis durante seus mandatos.

A polícia, gangrenada pela extrema direita, mantém a ordem social através da violência e do racismo. Nos opomos à repressão policial e exigimos a abolição dos corpos repressivos especiais (Brigada Anti-Crime – BAC -, Brigadas Motorizadas para a repressão de ações violentas – BRAV – …).

Contra a maré, diante do aumento do racismo e da islamofobia, seremos os únicos a defender a solidariedade internacional, com liberdade de circulação e de estabelecimento, com ou sem papéis, e o direito de voto para os estrangeiros.

Lideraremos a batalha contra a violência e pela igualdade de direitos para as mulheres e os LGBTI. A crise sanitária nos lembrou da necessidade de reavaliar os trabalhos daqueles que fazem o trabalho "marrom" primeiro e de socializar as tarefas "reprodutivas".

Nesta campanha, temos a vontade de nos unir para mudar o equilíbrio de poder, para construir uma contra-ofensiva, uma mobilização global do mundo do trabalho com greves massivas, manifestações, revoltas. Como não existe um "salvador supremo", devemos unir nosso povo para lutar e defender nossos direitos.

Defendemos a perspectiva de uma ruptura com o capitalismo: construir conscientemente nossas lutas, nossas mobilizações para exercer nosso controle sobre a organização da sociedade, da produção, para reconstruir associações, sindicatos e estruturas de auto-organização. Para um governo do mundo do trabalho, tão fiel aos interesses de nosso campo quanto Macron e Le Pen são fiéis aos dos capitalistas.

Proporemos àqueles que se encontram em nossas perspectivas que se reagrupem sem demora. Os explorados e os oprimidos precisam de um partido para a transformação revolucionária da sociedade, que deve ser muito mais amplo que o NPA, mais implantado nos lugares de vida, trabalho e estudo. Uma ferramenta para contribuir para a derrubada do capitalismo, para uma sociedade eco-socialista, para a emancipação da humanidade.

Philippe Poutou defenderá as cores anticapitalistas e revolucionárias

Apresentamos a candidatura de Philippe Poutou porque ele

encarna a necessidade de enfrentar este sistema, de se organizar para ele e de defender a perspectiva de uma sociedade livre de exploração e opressão. É isto que queremos contribuir para levar às ruas e às urnas eleitorais.

Ele não é um político profissional. Um trabalhador que lutou contra a Ford, um desses grupos industriais que nos colocou à beira do colapso, despedido após 10 anos, é um trabalhador que não desiste e faz política, se opõe às grandes empresas e quer se livrar do Macron e de todos os políticos, de direita ou de esquerda, a serviço das classes dirigentes. Através de sua atividade militante, política e sindical, ele também representa nosso desejo de nos unirmos e assumirmos o controle de nossos assuntos.

Porque rejeitamos a personalização, queremos liderar uma campanha coletiva que mostre uma diversidade de perfis de camaradas das lutas dos últimos anos. Assim, juntamente com nosso candidato e os porta-vozes do NPA, criaremos um coletivo de porta-vozes para a campanha de Philippe Poutou.

Paris em 27 de junho de 2021